

Uma professora entre o campo educacional e o literário: Elvira Meireles e a institucionalização escolar da literatura paranaense

A teacher between the educational and literary fields: Elvira Meireles and the school institutionalization of Paraná literature

Una profesora entre los campos educativo y literario: Elvira Meireles y la institucionalización escolar de la literatura paranaense

Ana Flávia Braun Vieira *

 <https://orcid.org/0000-0002-7644-2986>

Oriomar Skalinski Junior **

 <https://orcid.org/0000-0003-2660-6839>

Resumo: O artigo analisa como a atuação de Elvira Meireles entre os campos educacional e literário contribuiu para a institucionalização escolar da literatura paranaense, evidenciando tensões e disputas em torno da autoridade intelectual na fronteira desses campos sociais. O levantamento documental foi realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e incluiu todas as referências nominais à professora publicadas no jornal *Diário do Paraná* entre 1962 e 1972. A interpretação das fontes ocorreu em diálogo com as discussões sobre intelectuais mediadoras/es sistematizadas por Gomes e Hansen (2016) e com a sociologia de Pierre Bourdieu. Os resultados indicam que a institucionalização escolar da literatura paranaense não resultou exclusivamente da atuação de escritoras/es e de instituições literárias, mas também da atuação de uma agente do campo educacional que mobilizou seus capitais em favor desse processo. O estudo evidencia ainda os limites enfrentados por intelectuais mediadoras na conversão do reconhecimento obtido a partir do magistério em legitimidade plena em outros campos de produção simbólica.

Palavras-chave: História da Educação. Elvira Meireles. Intelectuais mulheres.

Abstract: This article analyzes how Elvira Meireles's work across the educational and literary fields contributed to the institutionalization of Paraná literature within schools, highlighting tensions and disputes over intellectual authority at the boundary between these social fields. The documentary survey was conducted in the Brazilian National Library's Digital Newspaper and Periodicals Library [*Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*] and included every reference to the teacher by name published in the newspaper *Diário do Paraná* between 1962 and 1972. The sources were interpreted in dialogue with Gomes and Hansen's

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora colaboradora do Departamento de Educação na mesma instituição. *E-mail:* <afbvieira@uepg.br>.

** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). *E-mail:* <oskalinski@uepg.br>.

(2016) discussions of intellectual mediators and with Pierre Bourdieu's sociology. The findings indicate that the institutionalization of Paraná literature in schools resulted not only from the work of writers and literary institutions, but also from the efforts of an agent in the educational field who mobilized her various forms of capital in support of this process. The study also highlights the limits faced by women intellectual mediators in converting the recognition gained through teaching into full legitimacy in other fields of symbolic production.

Keywords: History of Education. Elvira Meireles. Women intellectuals.

Resumen: El artículo analiza cómo la actuación de Elvira Meireles entre los campos educativo y literario contribuyó a la institucionalización escolar de la literatura paranaense, poniendo de relieve las tensiones y disputas en torno a la autoridad intelectual en la frontera entre esos campos sociales. La búsqueda documental se llevó a cabo en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional e incluyó todas las referencias nominales a la profesora publicadas en el periódico *Diário do Paraná* entre 1962 y 1972. Las fuentes se interpretaron en diálogo con los debates sobre intelectuales mediadoras/es sistematizados por Gomes y Hansen (2016) y con la sociología de Pierre Bourdieu. Los resultados indican que la institucionalización escolar de la literatura paranaense no fue resultado exclusivamente de la actuación de escritoras, escritores e instituciones literarias, sino también de la intervención de una agente del campo educativo que movilizó sus capitales en favor de ese proceso. El estudio también pone de manifiesto los límites a los que se enfrentan las intelectuales mediadoras al convertir el reconocimiento obtenido mediante la docencia en plena legitimidad en otros campos de producción simbólica.

Palabras clave: Historia de la Educación. Elvira Meireles. Mujeres intelectuales.

Introdução¹

Elvira Meireles² foi uma das professoras que contribuíram significativamente para a organização do ensino no Paraná, entretanto permanece à margem da historiografia educacional. Ainda que tenha sido a primeira mulher a presidir a Associação dos Professores do Paraná (APP) e tenha protagonizado uma campanha de grande repercussão na imprensa em defesa do reconhecimento da literatura paranaense, contribuindo para sua inserção no currículo dos estudantes, não foram encontradas informações *online* sistematizadas acerca de sua trajetória³. Esse silêncio, contudo, não constitui um caso isolado: diversas foram as docentes negligenciadas na História da Educação por terem suas atuações reduzidas às práticas escolares, em detrimento da dimensão intelectual (produtora e/ou mediadora) de suas ações (Vieira; Burioli, 2025). Conforme observou Orlando (2021, p. 54), “[...] nos trabalhos sobre mulheres, elas raramente figuram como intelectuais e os trabalhos sobre intelectuais raramente versam sobre mulheres”. Ademais, “[...] as trajetórias privilegiadas são aquelas relacionadas a pautas mais progressistas” (Orlando, 2021, p. 54). No entanto, pesquisas recentes vêm ampliando esse escopo (Vieira; Skalinski Junior, 2024), evidenciando a necessidade de investigar as múltiplas formas de atuação pública e intelectual de mulheres, para além das instâncias tradicionais de consagração.

Ao considerar esse quadro, este artigo tem como objetivo analisar como a atuação de Elvira Meireles entre os campos educacional e literário contribuiu para a institucionalização escolar da

¹ O ChatGPT (OpenAI) foi utilizado neste artigo exclusivamente como ferramenta de apoio à revisão gramatical, ortográfica e estilística do texto em língua portuguesa. O conteúdo científico, as análises e a conferência das referências são de responsabilidade da autoria do trabalho.

² São desconhecidas as datas de nascimento e morte de Elvira Meireles.

³ A noção de trajetória remete à “[...] série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 2006, p. 189). Entende-se, dessa maneira, que os elementos que compõem uma biografia “[...] se definem como colocações e deslocamentos no espaço social [...] [de acordo com] as diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (Bourdieu, 2006, p. 190).

literatura paranaense, evidenciando tensões e disputas em torno da autoridade intelectual na fronteira desses campos sociais.

Diante da escassez de fontes biográficas e de registros acerca do protagonismo dessa professora, os jornais da época constituíram uma alternativa metodológica para reconstruir aspectos de sua trajetória intelectual e formas de atuação entre os campos educacional e literário. O levantamento documental foi realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁴ e incluiu todas as publicações do *Diário do Paraná* que mencionaram nominalmente Elvira Meireles⁵. Ao todo, foram identificadas 52 referências entre os anos de 1962 e 1972, compostas por notas institucionais da APP, cobertura de eventos educacionais, textos de intelectuais paranaenses, registros fotográficos e materiais de divulgação das antologias idealizadas por Elvira Meireles. A interpretação das fontes ocorreu em diálogo com as discussões sobre intelectuais mediadoras, especialmente aquelas sistematizadas por Gomes e Hansen (2016), articuladas à sociologia de Pierre Bourdieu, sobretudo ao conceito de campo.

Inserido no âmbito da História da Educação, o presente estudo assume a perspectiva de que a análise de trajetórias de intelectuais constitui uma possibilidade profícua para a investigação dos processos educacionais desenvolvidos em diferentes tempos e espaços. As pesquisas sobre intelectuais permitem compreender de forma articulada tanto os sujeitos quanto os contextos históricos em que estiveram inseridos, evidenciando as relações estabelecidas entre ideias, instituições e práticas sociais. Assim, a pesquisa estabeleceu diálogo com a História Intelectual, campo dedicado à compreensão das/os “[...] agentes, práticas, processos e produtos classificáveis como intelectuais” (Wasserman, 2015, p. 64). Sobre a realização de pesquisas dessa natureza na História da Educação, Panizzolo (2016, p. 746) orienta que as análises devem considerar tanto o “[...] funcionamento do campo, suas práticas, suas regras de legitimação, seus *habitus* e suas estratégias” como também “[...] as características de um momento histórico e conjuntural e os modos de funcionamento e atuação da comunidade intelectual”.

Nessa perspectiva, a trajetória de Elvira Meireles foi analisada considerando simultaneamente as posições por ela ocupadas entre os campos educacional e literário, as redes de sociabilidade⁶ que mobilizou e as condições históricas que possibilitaram sua atuação como intelectual mediadora da institucionalização escolar da literatura paranaense. Para além da reconstrução de aspectos de uma trajetória pouco conhecida, o estudo de Elvira Meireles permite ampliar a compreensão acerca das formas de atuação intelectual de professoras no Paraná durante a segunda metade do século XX. Ademais, evidencia como agentes posicionadas no campo educacional puderam mobilizar capitais acumulados no magistério e em associações docentes para intervir em outros espaços de produção simbólica, ampliando suas possibilidades de atuação intelectual para além do meio escolar. Nesse sentido, o caso analisado contribui para as discussões sobre mulheres intelectuais, mediação cultural e relações entre os campos educacional e literário no contexto paranaense.

⁴ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 16 set. 2025.

⁵ A opção pela análise a partir das publicações do *Diário do Paraná* está relacionada à expressividade de publicações sobre Elvira Meireles em comparação a outros órgãos da imprensa, como *O Dia* (cinco ocorrências) e *Correio de Notícias* (uma ocorrência).

⁶ Em Bourdieu (2015), as redes de sociabilidade referem-se ao conjunto de relações duráveis e socialmente estruturadas entre agentes e instituições, cuja reprodução depende de mecanismos de reconhecimento mútuo e de um trabalho ativo de manutenção das trocas legítimas no interior do grupo. Tais redes constituem a base para a formação do capital social, entendido como o conjunto de recursos atuais ou potenciais associados à pertença a uma rede de relações e passíveis de conversão em benefícios simbólicos, materiais ou institucionais.

Este artigo está organizado em três seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Inicialmente, apresenta-se a abordagem teórico-metodológica da pesquisa, com a discussão do alargamento da concepção de intelectual na História da Educação a partir do conceito de mediação cultural, conforme Gomes e Hansen (2016), e de conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu. Em seguida, caracteriza-se o processo de acumulação de capital social efetivado por Elvira Meireles quando de sua atuação docente e de sua inserção na diretoria da APP, bem como a mobilização desse capital no processo de institucionalização escolar da literatura paranaense. Por fim, analisam-se as tensões produzidas no campo literário do estado, considerando o poder de classificação sobre a literatura e as disputas acerca da autoria na fronteira entre os campos educacional e literário.

Intelectuais mulheres na História da Educação: abordagem teórico-metodológica

Uma pesquisa que se propõe a analisar uma trajetória intelectual a partir de categorias concebidas por Pierre Bourdieu costuma envolver a caracterização das origens sociais e culturais (*habitus*) da/o agente estudada/o, seguida da interpretação de sua posição no campo de produção considerado (redes de sociabilidade e disposições adquiridas), para, então, proceder à análise das fontes⁷. Tal procedimento possibilita compreender a relação entre as disposições incorporadas pelas/os agentes, suas posições em determinados campos de produção simbólica e as formas de atuação intelectual por elas/eles desenvolvidas. Entretanto, quando as pesquisas se dedicam ao estudo das intelectuais do campo da Educação, a análise precisa extrapolar questões relativas à posição social, aos capitais e ao campo para considerar também as relações de gênero que historicamente condicionaram as possibilidades de atuação, reconhecimento e consagração dessas agentes. Isso é fundamental porque, conforme argumenta Scott (2019, p. 51), a escrita da história das mulheres exige a “[...] redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto [su]as atividades públicas e políticas”. Além disso, uma visão predominante, parcial e masculina do mundo tende a ser naturalizada como universal (Bourdieu, 2023), contribuindo para a invisibilização ou a secundarização das contribuições femininas. Nesse sentido, investigar trajetórias de intelectuais mulheres exige atenção não apenas às formas de atuação socialmente legitimadas, mas também às estratégias por elas mobilizadas para ocupar espaços de produção, circulação e reconhecimento de bens simbólicos.

Nessa direção, para superar concepções restritas de atuação intelectual, faz-se necessário ampliar o entendimento acerca das formas pelas quais as mulheres participaram da produção, circulação e legitimação de bens simbólicos. Se a concepção adotada for mais estrita, considerando apenas aquelas/es que produziram bens simbólicos, grande parte das professoras, como Elvira Meireles, ficaria à margem dos estudos. No entanto, com o alargamento da noção para a inclusão daquelas/es que atuaram como mediadoras/es, muitas docentes e suas ações dentro e fora do espaço escolar tornaram-se igualmente passíveis de investigação. Segundo as definições de Gomes e Hansen (2016, p. 10), intelectuais são pessoas engajadas na “[...] produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”. Essa abordagem permite considerar também os fenômenos de mediação como atividades intelectuais, pois não consistem apenas em transmissões de mensagens, uma vez que “[...] sempre envolvem mudança em seus sentidos” (Gomes; Hansen, 2016, p. 13). Tal perspectiva viabiliza o reconhecimento de formas de atuação intelectual frequentemente invisibilizadas, como as protagonizadas por mulheres em contextos educacionais e culturais, sobretudo por aquelas

⁷ Trata-se de uma proposta metodológica pautada em Pierre Bourdieu e sistematizada por Campos (2022).

residentes fora dos grandes centros, cujas práticas de mediação, apesar de fundamentais, raramente foram interpretadas como produção intelectual legítima.

Para estudá-las, tanto como produtoras quanto como mediadoras de bens simbólicos, faz-se necessário historicizar os espaços de possíveis às mulheres no campo considerado em relação ao período de atuação da agente em questão. Afinal, a inserção das mulheres nos debates públicos não se deu de maneira espontânea, mas foi resultado de lutas por elas travadas em diferentes frentes – notadamente nos campos educacional e literário, ao menos no caso paranaense. Em se tratando de professoras que atuaram para além da escola, a identificação dos campos de inserção torna-se importante para compreender suas possibilidades de atuação e os processos de conversão de capitais, estratégia frequentemente adotada por intelectuais. Entende-se por conversão de capitais a mobilização de recursos acumulados em determinado campo para a obtenção de reconhecimento, legitimidade ou possibilidades de atuação em outro espaço social (Bourdieu, 2012). Tal processo mostra-se particularmente relevante para a análise de trajetórias femininas, uma vez que muitas mulheres ampliaram sua inserção em diferentes campos de produção simbólica a partir dos capitais sociais, culturais e simbólicos adquiridos no exercício do magistério.

O conceito de campo, desenvolvido por Pierre Bourdieu para tratar de sociedades complexas, refere-se à compreensão de que “[...] o cosmo social é constituído pelo conjunto desses microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis àquelas que regem outros campos” (Bourdieu, R, 73 *apud* Lahire, 2017, p. 64). Os campos são espaços estruturados de posições ocupadas por diferentes agentes e possuem normas e lutas próprias, sendo a apropriação do capital específico de cada campo objeto de disputa entre aqueles que o compõem. A identificação dos campos de inserção das intelectuais torna-se, portanto, fundamental para compreender as possibilidades de atuação das mulheres, as estratégias por elas mobilizadas e os processos de conversão de capitais que marcaram suas trajetórias. No caso de Elvira Meireles, cujas principais atividades estiveram vinculadas à APP e ao projeto por ela idealizado em relação à literatura local, a compreensão de sua atuação demanda a contextualização histórica dos campos educacional e literário, entre os quais transitou ao longo de sua trajetória.

No Brasil, o ingresso das mulheres no campo educacional ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX, em um processo que ficou conhecido na historiografia como “feminização do magistério”⁸. À época, atuar como professora representava uma das poucas possibilidades de inserção profissional consideradas socialmente aceitáveis para as mulheres. Assim, “[...] o fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez da docência a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho no lar” (Nicolete; Almeida, 2017, p. 209). Nesse contexto, o acesso à educação, sobretudo em Escolas Normais, possibilitou que as mulheres ampliassem seu espaço de possibilidades, extrapolando suas atividades para além da esfera doméstica⁹. Esse processo favoreceu sua inserção em diferentes espaços de sociabilidade, cultura e produção de conhecimentos. Conforme Araújo e Orlando (2019, p. 339), as mulheres, gradualmente, “[...] foram alcançando outros espaços de expressão e conhecimento”.

Em outras palavras, o campo educacional constituiu uma das principais vias para as mulheres adentrarem outros microcosmos sociais – a exemplo do campo literário de Curitiba. De

⁸ Para saber mais acerca do processo de feminização do magistério, conferir Louro (2022), Nicolete e Almeida (2017) e Dal’igna e Scherer (2020). No Paraná, as três primeiras normalistas formaram-se em 1892 (Nascimento; Souza, 2011).

⁹ Para Guebert (2018, p. 49), “[...] a escola funcionou, assim como a imprensa, os saraus e academias, como um *locus* das redes de associação intelectual das mulheres e dos espaços informais ou semipúblicos onde a reflexão sobre a literatura e a cultura se desenvolvia e circulava”.

acordo com Araújo e Orlando (2019, p. 435), nas décadas de 1930 e 1940, as curitibanas foram “[...] atuantes e concentradas em torno de um projeto de reconhecimento do trabalho feminino como escritoras e docentes”. Não raro, normalistas, pelo acesso ao mundo das letras via escola, tornaram-se elas mesmas escritoras – em um claro exemplo de conversão de capitais. No entanto, se, nas salas de aula e diretorias, elas haviam consolidado seu espaço no processo de feminização do magistério, no campo literário, ainda na década de 1970, as mulheres seguiam lutando pela ampliação de seus espaços de possibilidades em um meio intelectual notadamente androcêntrico.

Um maior protagonismo feminino no campo literário curitibano passou a ser observado justamente no período do projeto das antologias – a exemplo da fundação da Academia Feminina de Letras do Paraná (AFLP), em 1970. Diante de restrições impostas às mulheres no campo literário, elas mesmas fundaram, com destaque para o protagonismo de Pompília Lopes dos Santos no caso da AFLP, instituições em que pudessem se desenvolver culturalmente, aprimorar suas habilidades de escrita e ampliar a circulação de suas obras a partir de instituições simbolicamente validadas. Tendo isso em vista, não à toa, uma professora que não era escritora, como Elvira Meireles, embora tenha contribuído para a institucionalização escolar da literatura paranaense, não foi plenamente reconhecida como agente legítima no campo literário.

Considerando a escassez de informações biográficas sistematizadas sobre Elvira Meireles, a pesquisa foi conduzida com base em fontes jornalísticas, especialmente matérias do *Diário do Paraná*, entendidas aqui não apenas como registros de informações acerca do cotidiano da capital, mas também como espaços de disputas simbólicas e legitimação (Bourdieu, 1997). Nesse sentido, ainda que, no momento da escrita deste artigo, não existissem informações sistematizadas a seu respeito, seu protagonismo pôde ser estudado por meio dos vestígios de sua atuação pública, das redes de sociabilidade que mobilizou e da circulação de seu nome na imprensa paranaense, o que permitiu identificar tanto os processos de mediação cultural por ela praticados quanto as disputas simbólicas em torno da organização da *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*¹⁰.

Das aulas de Literatura à diretoria da APP

Em 1963, o *Diário do Paraná* publicou uma matéria relativa à nova diretoria eleita para a APP. Entre os nomes que compunham a chapa “Movimento Renovador Independente”, eleita com 479 votos, figuravam o de Elvira Meireles, para a função de vice-presidente do Departamento Social, e os de outros professores da capital paranaense (Eleita a nova [...], 1963). Praticamente nada se sabe acerca de sua biografia, além do fato de ter atuado como professora de literatura. As circunstâncias de sua filiação à entidade e os interesses que a levaram a compor a diretoria ainda são desconhecidos. Entre suas primeiras ações nessa posição, esteve a organização de um curso de férias de pintura em tecido para as professoras (Professores realizarão [...], 1963). Além disso, em 1964, a docente auxiliou na organização da missa de Páscoa dos professores, de sarais dançantes e de festejos juninos. As atividades sociais realizadas pela APP contavam com expressiva frequência e engajamento da categoria, o que contribuiu para a projeção pública da diretora social nas páginas da imprensa paranaense – a exemplo do registro da Figura 1 a seguir.

¹⁰ Embora a *Antologia* abordasse a literatura produzida no estado, optou-se, neste estudo, pela utilização da expressão “campo literário curitibano”, considerando que as principais instâncias de produção, circulação e legitimação literária então acessíveis se encontravam concentradas em Curitiba.

Figura 1 – Elvira Meireles em evento relacionado à APP



Fonte: Extraída de *Diário do Paraná* (Para o Congresso, 1965, p. 1).

Sua relevância dentro e fora da instituição expandiu-se quando o presidente Ocyron Cunha se afastou da APP para concorrer a um cargo eletivo. Segundo uma publicação do *Diário do Paraná*, diante desse licenciamento, a diretoria, na forma estatutária, elegeu, em junho de 1965 (Associação dos Professores [...], 1965), a professora Elvira Meireles para exercer a presidência da APP, cargo que ocupou por quatro meses (Assembleia permanente, 1967). Por essa razão, no decorrer dos anos e das assembleias permanentes da entidade, ela figurou em retratos publicados no *Diário do Paraná* (Assembleia permanente, 1967) ao lado dos ex-presidentes José Scheinkman, Faustino Fávoro e Ocyron Cunha.

Na posição de presidenta em exercício, Elvira Meireles teve a oportunidade de ampliar suas redes de sociabilidade para além dos professores que frequentavam a associação, estabelecendo contato, por meio das atividades sociais por ela desenvolvidas, com representantes do poder político do Paraná. Em uma homenagem ao governador Paulo Pimentel, que reuniu mais de 1.500

professores e autoridades civis e militares, a docente declarou ao político: “A educação em todo o Brasil está sendo focalizada pelas maiores autoridades e há uma preocupação por ela. Nós sabemos, nós somos mestres. Só se fala em termos de educação” (Professores fizeram [...], 1966, p. 8). Na ocasião, ela sugeriu ao governador e ao secretário de Educação a realização anual de nomeações de novos professores. Em resposta, Pimentel afirmou que seu desejo era despachar “[...] 365 dias do ano com o professorado de nosso Estado” e que aquela homenagem era uma “[...] demonstração positiva de que o professorado do Paraná está nos estimulando e incentivando para prosseguirmos na grande luta de moralização do ensino no nosso Estado” (Professores fizeram [...], 1966, p. 8).

Para além do contato com o chefe do Poder Executivo estadual, Elvira Meireles mantinha vínculos estreitos com a Secretaria de Educação e Cultura devido à sua atuação institucional. Em 1966, Elvira Meireles e outros colegas da APP, como Ocyron Cunha, Maria Luiza Merkle, Irene Margarida Sprengler e Maria de Lourdes Gaspar, foram recebidos pelo secretário Carlos Alberto Moro para apresentar reivindicações do magistério paranaense relativas à aposentadoria, ao reconhecimento do tempo de serviço prestado em instituições privadas, à proibição da contratação de professoras leigas em municípios que possuíam Escolas Normais e à valorização salarial conforme a titulação docente, entre outras. Tais solicitações revelam a mediação da diretoria da APP na luta pela profissionalização e pela valorização do magistério, ampliando o capital social acumulado por aquelas/es que compunham a diretoria.

As publicações do *Diário do Paraná* evidenciam uma relação de proximidade entre a diretoria da APP, o governo do estado e a Secretaria de Educação. Para além de um coquetel do qual participaram representantes dessas instituições e o ministro da Educação (APP foi recebida [...], 1966), é possível citar as articulações em torno da elaboração de um Estatuto do Magistério, iniciadas em 1967. Esse processo seria posteriormente consolidado com a aprovação da Lei Complementar nº 7, de 22 de dezembro de 1976, responsável por instituir o Estatuto do Magistério Público do Paraná e o Quadro Próprio do Magistério (QPM), organizando uma carreira específica para os profissionais da educação¹¹ (Paraná, 1976).

Ainda que a Lei Complementar tenha levado diversos anos para ser aprovada, no início de sua tramitação, foi considerada pelo Executivo “[...] o grande presente do Governo do Estado aos mestres paranaenses” (Na Assembleia [...], 1967, p. 1). Na solenidade realizada por ocasião do Dia do Professor, em 1967, na Sociedade Água Verde, compareceram diversos docentes, que aplaudiram “[...] entusiasticamente o discurso do Secretário de Educação, especialmente quando este abordou tópicos do Estatuto do Magistério”. Para Carlos Alberto Moro, a comissão encarregada de elaborar o anteprojeto do Estatuto era de alto nível, razão pela qual o governo do estado havia acatado inúmeras sugestões da APP. Por estarem diretamente envolvidos no projeto em tramitação, na ocasião também “[...] discursaram o Presidente da Associação, professor Ismaill Zanardini, e a professora Elvira Meireles, diretora da entidade” (Na Assembleia [...], 1967, p. 1).

A inserção de Elvira Meireles na APP propiciou a extensão de suas margens de ação para além do Paraná. A docente chefou uma delegação composta por Maria de Lourdes Gaspar, Irene Margarida Strenger, Maria Olga Mattar, Eloah Guimarães de Almeida, Maria de Lourdes Vítola e Lauro Esmanhoto para o VIII Congresso Nacional de Professores Primários, realizado em Cuiabá.

¹¹ Essa legislação também reconheceu oficialmente diferentes funções pedagógicas – como supervisão, orientação e planejamento educacional – e garantiu maior segurança jurídica em relação aos direitos como férias, licenças e aposentadorias. No entanto, é importante destacar que, a despeito desses avanços legais, no contexto da Ditadura Militar havia forte centralização administrativa, ausência de gestão democrática nas escolas, restrições à participação política e limitações à autonomia docente. Esse cenário evidencia que as iniciativas de valorização profissional empreendidas pela APP junto ao governo estadual coexistiam com mecanismos de controle sobre a educação e seus profissionais.

O evento foi uma promoção da Confederação Nacional de Professores Primários, sob a presidência do paranaense Ocyron Cunha. Segundo publicou o *Diário do Paraná*, “[...] as três teses paranaenses foram apreciadas, aprovadas e passaram a constituir matéria de resultado do conclave” (Paraná atuante [...], 1967, p. 1). Essas teses abordaram a valorização profissional, a situação social do professor e as responsabilidades das associações docentes e foram de autoria de Cecília Westphalen, Maria Olga Mattar e Lauro Esmanhoto, respectivamente¹². Ao retornarem, os membros da delegação reuniram-se com a Secretaria da Educação e Cultura “[...] a fim de agradecer ao secretário Carlos Alberto Moro pela ajuda que prestou para que o Paraná se fizesse representar no Congresso” (Paraná atuante [...], 1967, p. 1).

A trajetória de Elvira Meireles na APP possibilitou a ampliação progressiva de suas redes de sociabilidade e de seu capital social. Da organização de atividades voltadas ao magistério à participação em negociações com a Secretaria de Educação, eventos públicos e congressos nacionais, a docente ocupou posições que lhe conferiram visibilidade e reconhecimento para além do espaço escolar. Esses recursos, acumulados no campo educacional, seriam posteriormente mobilizados em iniciativas de mediação cultural voltadas à valorização da literatura paranaense e à sua inserção formal no ensino.

Elvira Meireles e as disputas em torno da literatura paranaense

A rede de sociabilidade e o capital social acumulados por Elvira Meireles no campo educacional foram progressivamente mobilizados em iniciativas voltadas à valorização da literatura produzida no Paraná. Sua atuação como professora de Literatura no Colégio Estadual do Paraná constituiu um dos principais espaços por meio dos quais a docente articulou demandas educacionais e projetos de difusão cultural, ampliando sua inserção para além das atividades desenvolvidas na APP. Nesse contexto, o *Diário do Paraná* registrou algumas das ações conduzidas por Elvira Meireles no Colégio Estadual do Paraná (Estadual encerra [...], 1967). Em 1967, por ocasião da visita da esposa do governador do estado, foram inauguradas a biblioteca e a galeria de retratos dos escritores paranaenses da instituição. O protagonismo da docente na organização desses espaços de difusão cultural foi publicamente reconhecido por Hellê Vellozo Fernandes, escritora e jornalista paranaense:

Aquela professora de longos cabelos pretos e olhos escuros, compenetrada do seu dever é Elvira — uma intelectual. Talvez seja poetisa e ninguém saiba. Não publicou livro e não é jornalista. No entanto, está fazendo em prol das letras paranaenses o que há muito não se faz: valorizando-as. [...].

É fácil criticar, sem ler; é fácil declarar a inexistência de um trabalho literário que se desconhece... Há agravantes para essa omissão da obra paranaense no cenário nacional: a timidez, a modéstia, a falta de recursos para publicações fóra, o desprendimento pelo aplauso, o desestímulo no próprio meio. [...].

Eis que [...] surge Elvira — a professora de Literatura Portuguesa do Colégio Estadual, perguntando:

— Por que o Paraná é omitido das antologias? O Paraná não tem autores? Se é lógico que tem, vamos, pois, procurá-los.

Dessa procura surgiu o mais completo trabalho de pesquisa e entrevistas com escritores até hoje feito em nossa Capital. Está lá, em exposição no Colégio Estadual, para quem quiser ver. E surgiu mais: o estímulo para o escritor vivo, a valorização para o escritor morto, ambos tão esquecidos do público! O escritor atuante vai dar o melhor, se o esforço de Elvira persistir.

Obrigado, por todos, Elvira Meireles — a professora que se lembrou do escritor de sua terra (Fernandes, 1967a, p. 2, segundo caderno).

¹² No evento, por proposição dos demais congressistas, a professora Elvira Meireles saudou o governador de Mato Grosso, Pedro Pedrossian (Paraná atuante [...], 1967).

O excerto permite compreender que o envolvimento de Elvira Meireles com a literatura paranaense teve origem em uma questão prática: a inquietação provocada pela ausência de materiais para o estudo dos escritores e das escritoras do estado. Mesmo sem ter publicado nenhuma obra própria no campo literário, sua intervenção direcionou os capitais institucionais do Colégio Estadual do Paraná para cancelar a exposição de trabalhos discentes, atraindo a presença do governador Paulo Pimentel, do secretário Carlos Alberto Moro e do prefeito curitibano Omar Sabbag. Segundo Fernandes (1967b), a presença dessas personalidades atestava o interesse de tais autoridades pelo desenvolvimento das letras no Paraná. Estiveram ainda presentes representantes de três gerações de pesquisadores do estado: J. Augusto Gomy, Pompília Lopes dos Santos e Pe. Emir Kalluf, que fizeram uso da palavra, demonstrando seu reconhecimento pela homenagem prestada. A respeito de parte dos discursos proferidos, Hellê Vellozo Fernandes afirmou não concordar “[...] com as palavras de desesperança de alguns, diante da mocidade. Nós cremos nos jovens! Cremos nos jovens como os alunos de Elvira Meireles” (Fernandes, 1967b, p. 2).

Diante do sucesso da iniciativa, em setembro de 1969, foi realizada a II Semana do Escritor Paranaense. Acerca da segunda edição, também realizada sob a orientação da professora Elvira Meireles, Nicolau dos Santos Filho (1969, p. 6) publicou no *Diário do Paraná*:

Nesta comunhão de corações e de vontades, congregadas em torno de um movimento altamente paranista, quantas energias se não desenvolvem que, insuladas, permaneceriam estéreis, se não fôsse o esforço dessa professora e de suas alunas, encaminhado para o ideal comum, de organizar o Estante do Escritor Paranaense, cujas obras parecem moldadas num só bloco, mas que, pela plasticidade da forma, apresenta a todos os instantes, novas características e deixa-nos enleados, na contemplação de suas faces multiformes.

O movimento literário, já iniciado pela prof.^a Elvira Meireles, merece o incondicional apoio de todo o paranaense, tão necessário à vitalidade, ao fulgor e à mais ampla benemerência das novas gerações.

Por muitas razões, o movimento da divulgação de obras, apoiado por colegas altamente capacitados, constitui o coroamento do longo tirocínio, na arte de ensinar.

As congratulações pelas iniciativas de Elvira Meireles na valorização dos escritores e das escritoras paranaenses também foram acompanhadas de observações feitas por Hellê Vellozo Fernandes (1969, p. 4) sobre os agentes do ambiente literário local: “No dia do coquetel, Elvira ficou de coração magoado, porque é cruel lutar por uma classe que insiste em permanecer invisível. Mas como disse o prof. Raul Gomes, o paranaense é reservado e tímido”. O comentário sugere que, embora as iniciativas da professora estivessem obtendo reconhecimento junto à imprensa, às instituições educacionais e às autoridades públicas, a adesão dos próprios escritores paranaenses permanecia limitada. Tal situação evidencia algumas das tensões presentes no campo literário local e ajuda a compreender os obstáculos enfrentados por uma agente oriunda do campo educacional ao buscar intervir nos mecanismos de circulação e legitimação da produção literária paranaense. Ao mesmo tempo, Hellê Vellozo Fernandes, também professora, reconhecia publicamente a incursão de Elvira Meireles no campo literário ao associá-la às demandas educacionais decorrentes da ausência de materiais sobre a literatura paranaense nas escolas:

Se não houvesse necessidade de desenterrar obras paranaenses de valor, para dar aos jovens conhecimento de que o Paraná não teria literatura própria; se não houvesse premência de fornecer aos estudantes material para pesquisa, Elvira não se lançaria a uma luta que não é sua, pois não é escritora, mas que se tornou sua, porque é uma professora consciente do dever de não se omitir (Fernandes, 1969, p. 4).

As observações de Hellê Vellozo Fernandes tornam-se particularmente relevantes quando se consideram sua posição entre os notáveis do campo intelectual curitibano e sua condição de herdeira de expressivo capital cultural e simbólico, em razão do pertencimento a uma família de

professores e literatos renomados (Vieira, 2026). Uma apreciação crítica escrita pela jornalista não passava despercebida, sobretudo quando publicada em um dos principais jornais paranaenses. Ao enfatizar, nas páginas do *Diário do Paraná*, que Elvira Meireles não era escritora, a jornalista simultaneamente enaltecia sua iniciativa e reafirmava as fronteiras simbólicas do meio literário, indicando que as iniciativas de divulgação, organização e validação simbólica da literatura paranaense seriam, em princípio, atribuição dos próprios agentes legitimados desse espaço. Ao mesmo tempo, a observação evidenciava a baixa mobilização das autoras e dos autores locais em iniciativas de divulgação e valorização da literatura paranaense análogas às promovidas pela professora Elvira. Nesse contexto, coube a ela a promoção de campanhas em prol da valorização do escritor paranaense, e a professora foi publicamente reconhecida por isso.

Conforme sugeriu Fernandes (1969, p. 4), o envolvimento de Elvira Meireles com a literatura paranaense decorreu de razões práticas. As demandas pedagógicas surgidas em suas salas de aula levaram à idealização de um projeto para a edição de livros didáticos com autores locais, que visava superar representações que restringiam a produção literária paranaense a poucos nomes consagrados – a exemplo das crônicas escritas por Nelson Rodrigues, que reduziavam a literatura paranaense à expressão isolada de Dalton Trevisan (Gomes, 1970a). Foi diante desse cenário que Elvira Meireles teve “uma ideia atrevida”. Segundo Raul Rodrigues Gomes (1970a, p. 2), membro da Academia Paranaense de Letras, tais elementos contribuíram para que ela se propusesse a “[...] preencher uma lacuna em nossa bibliografia: editar antologias, uma para o curso primário e outra para o secundário, com resumos biográficos e textos selecionados por um vultoso grupo de escritores”.

A proposta das antologias didáticas buscava simultaneamente suprir a carência de materiais para o ensino da literatura paranaense e ampliar a circulação das obras de autoras e autores locais entre as novas gerações. Embora não ocupasse uma posição de destaque no campo literário curitibano, Elvira Meireles reuniu condições favoráveis para liderar a iniciativa. Sua atuação na APP e no Colégio Estadual do Paraná lhe havia proporcionado reconhecimento público, redes de sociabilidade e capital social suficientes para articular escritoras, escritores e autoridades em torno do projeto. Coube-lhe, assim, a organização da *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, empreendimento que, embora concebido a partir de demandas pedagógicas, produziu efeitos que extrapolaram o campo educacional e alcançaram diretamente as disputas em torno da legitimação da literatura paranaense.

O levantamento das obras resultantes do projeto idealizado por Elvira Meireles permitiu identificar quatro publicações vinculadas à iniciativa. Em 1970, foram lançados os seguintes títulos: *Letras Paranaenses 1970*, de Felício Raitani Neto e Colombo de Sousa; *Antologia Escolar Paranaense (curso primário)*, de Ada Gineste, Leonor Lezan, Luíza Pereira Dorfmund e Nair Cravo Westphalen; e *Antologia Didática de Escritores Paranaenses (curso ginásial, colegial e normal)*, de América Sabóia e Hellê Vellozo Fernandes. Em 1976, esta última foi relançada em edição ampliada.

As antologias datadas de 1970 contaram com a “[...] cooperação espontânea do nobre e operoso e lúcido prefeito Omar Sabbag, que possibilitou o financiamento da obra a ser divulgada por Elvira Meireles e sua equipe”, pois, sem a contribuição da Prefeitura, teria sido “[...] impossível a editoração de semelhantes livros” (Gomes, 1970a, p. 2). Com o apoio do órgão máximo da capital paranaense, Elvira Meireles foi enaltecida por Raul Rodrigues Gomes por seus consideráveis “serviços às letras araucarianas”, que, em sua interpretação, eram “[...] valiosos e definitivos em seus objetivos” (Gomes, 1970a, p. 2). Destaca-se que, ao publicar sucessivos textos sobre o lançamento das antologias, Raul Rodrigues Gomes mobilizava o capital simbólico acumulado ao longo de sua trajetória intelectual em favor da iniciativa de Elvira Meireles. Sua atuação como

jornalista, educador e acadêmico da Academia Paranaense de Letras¹³ permitia-lhe operar como mediador entre o campo educacional e o ambiente literário paranaense, ampliando a visibilidade pública do projeto.

Esse agente legitimador publicou ainda, no *Diário do Paraná*, um texto que intitulou *Antologias – Acontecimento de nossa primavera*. Nele, destacou o nome das escritoras e dos escritores envolvidas/os na concretização daquilo que havia sido idealizado e coordenado por Elvira Meireles. A referência a tais nomes, conhecidos pela atuação nas letras e no magistério, configurava-se como mais uma forma de validar a iniciativa da docente de literatura. Nas palavras de Gomes (1970b, p. 2), “[...] como se observa pelos nomes por mim mencionados, trata-se de uma equipe [...] de alto gabarito que deu uma contribuição valiosíssima” para a elaboração dos livros. Ainda que exaltasse o “[...] grupo de arrojadadas e pertinazes professoras” que tomaram para si a “[...] tarefa de preencher uma lastimável lacuna em nossa bibliografia literária” (Gomes, 1970b, p. 2), as razões pelas quais tais mulheres se envolveram no projeto eram por ele explicadas por meio de argumentos de ordem moral, que associavam a docência, principalmente a de crianças, a uma profissão tipicamente feminina.

Para Gomes (1970b, p. 2), foi “[...] feita a seleção [de escritores masculinos e femininos] por um grupo de mestras – acredito terem elas sido dirigidas pela astuteza feminina, vinculada ao mistério de sua missão que é a educação”. Embora ele atribuísse às professoras um papel central na elaboração das antologias, sua participação era explicada a partir de disposições consideradas próprias da condição feminina e da vocação para o magistério. Assim, a atuação das docentes era legitimada no interior do campo educacional, mas não necessariamente reconhecida como expressão autônoma de autoridade intelectual no campo literário.

Destaca-se que o ambiente intelectual curitibano possui, historicamente, características androcêntricas (Vieira, 2026). Possivelmente por essa razão, Raul Rodrigues Gomes não se furtou a fazer ressalvas em relação ao trabalho realizado nas antologias: “[...] incondicional quanto à iniciativa de Elvira Meireles e de suas companheiras de operosidade naquele esforço louvável – [o que] não me exime de assinalar algumas omissões de autores”, entre os quais listou Andrade Muricy, Ernani Silva Bruno, Euclides Bandeira, João Juberé da Cunha, Juliano Pernetta e Odilon Negrão (Gomes, 1970b, p. 2). Ainda assim, concluiu sua apreciação saudando “[...] as mestras devotadas à grande iniciativa de oferecer, à custa de indizível sacrifício, [tais] antologias” (Gomes, 1970b, p. 2). Nota-se que, além de realizar uma espécie de crítica aos processos de classificação operados pelas professoras escritoras dos materiais didáticos, Raul Rodrigues Gomes, como membro da Academia Paranaense de Letras, reafirmava sua própria autoridade intelectual para avaliar os critérios de seleção das obras e dos autores considerados representativos da literatura paranaense. Assim, mesmo ao apoiar a iniciativa coordenada por Elvira Meireles e pelas demais docentes, buscava preservar para si as funções tradicionais de consagração no campo literário.

Em razão das observações críticas acerca dos processos de classificação dos autores e das autoras paranaenses nas antologias, foi publicada uma nota no *Diário do Paraná* com o objetivo de esclarecer que os primeiros volumes lançados “[...] fazem parte de um todo e o fato de alguns escritores não constarem não deve ser tomado como se tivessem sido preteridos ou sem mérito, não querendo dizer também que os escritores incluídos nos primeiros volumes tenham mais mérito” (Em poucas linhas, 1970, p. 3). Tal justificativa evidencia elementos de disputa por legitimidade e autoridade intelectual entre agentes posicionados de maneira distinta nos campos educacional e literário. A assimetria de posições entre os agentes do campo educacional e os do

¹³ Raul Rodrigues Gomes foi o primeiro ocupante da Cadeira 34. Para mais informações biográficas, consultar: <https://academiaparanaensedeletras.com.br/caadeira-34/caadeira-34-1o-ocupante>. Acesso em: 10 maio 2026.

campo literário eclodiu, em 1971, em um conflito aberto de legitimação, centrado nas disputas em torno dos direitos de autoria e do financiamento gráfico da *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, as quais causaram um rompimento público entre sua idealizadora, Hellê Vellozo Fernandes e América da Costa Sabóia. Dada a centralidade desse episódio para a compreensão das disputas em torno da autoria, da coordenação intelectual e do financiamento da obra, fez-se necessária uma citação mais extensa do relato publicado por Hellê Vellozo Fernandes no *Diário do Paraná*:

Várias vezes usamos esta coluna para exaltar o trabalho da professora Elvira Meireles em prol do escritor paranaense. Justamente por ela frisar que nunca foi escritora, nem poetisa, nem prosadora, mas que desejava ver os escritores do Paraná mais reconhecidos e lidos por seus alunos do Colégio Estadual, foi que ganhou nossa simpatia e total apoio a essa causa. [...]. Partiu, então, em 1968, a professora Elvira Meireles para uma louvável campanha: organizar Antologias para os cursos primário, ginásial, colegial e normal, a fim de que os estudantes tivessem fontes de conhecimento para desenvolverem seus estudos sobre os escritores do Paraná. Para tanto, não sendo ela escritora, convocou arrojadamente os escritores para diversas reuniões, em que propôs organizarem-se de alguma forma, a fim de escreverem essas antologias didáticas [...]. Com uma dezena de escritores convidados por ela para esta altruística obra, usamos também de nossa condição de jornalista para apoiá-la totalmente. [...]. A mim e à professora América Sabóia coube a parte destinada aos cursos ginásial, colegial e normal [...]. A professora Elvira Meireles disse e repetiu, em tôdas as reuniões que tivemos, que a Fundepar iria financiar a obra. [...]. Quando terminamos o I Tomo, a prof.^a Elvira recebeu nossos originais e levou-os à Gráfica Vicentina, pedindo-nos para publicar seu clichê e biografia na 1.^a orelhas, para fazer a «apresentação» e para colocar seu nome como idealizadora e coordenadora da campanha em prol do escritor. Consentimos, achando que isso seria uma homenagem a seu esforço. Mas, ao fim da impressão, tivemos duas extraordinárias surpresas:

1. Elvira Meireles queria ser autora-proprietária da obra. Nem vamos detalhar os expedientes de que se valeu para convencer-nos disso. Não conveio.
2. A Gráfica Vicentina ameaçou a mim e à professora América Sabóia de processo Judicial por «dívida solidária», para cobrar a edição da obra, uma vez que a Fundepar indeferira o pedido de verba feito pela Prof.^a Elvira Meireles.

Foi êste o resultado desagradável de uma campanha, da qual participamos com a maior boa vontade e boa fé (Fernandes, 1971, p. 2).

A controvérsia parece evidenciar um conflito entre diferentes concepções de autoria e reconhecimento intelectual. Enquanto Hellê Vellozo Fernandes fazia questão de frisar que Elvira Meireles não era escritora, associando a autoria à produção textual da antologia, a professora de Literatura parecia atribuir centralidade ao trabalho de mediação realizado na idealização e coordenação do projeto. A disputa, portanto, não se restringia à propriedade material da antologia, mas envolvia diferentes critérios de legitimação intelectual. De um lado, Elvira Meireles mobilizava o reconhecimento acumulado no campo educacional, decorrente de sua trajetória no magistério, de sua capacidade de articulação institucional e de suas relações com o poder público. De outro lado, Hellê Vellozo Fernandes e América Sabóia reivindicavam uma legitimidade fundada na autoria literária e na produção intelectual propriamente dita.

Nesse sentido, a ruptura pública entre as participantes da campanha permite compreender que a valorização da literatura paranaense não constituía um espaço homogêneo de cooperação intelectual, mas um ambiente marcado por disputas em torno da consagração simbólica, da autoridade cultural e da definição legítima das posições ocupadas por diferentes agentes entre esses campos de produção cultural. Para além disso, a querela implicou também questões econômicas, já que Hellê Vellozo Fernandes e América Sabóia, considerando a importância da obra que haviam escrito, renegociaram a dívida da publicação junto à Fundação Educacional do Estado do Paraná (Fundepar) e assumiram parte dos custos financeiros da *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, retirando “[...] d. Elvira da obra e da dívida” (Fernandes, 1971, p. 2).

Ainda que, sob a óptica do campo literário, Hellê Vellozo Fernandes se opusesse à postura de Elvira Meireles, como professora, afirmou seguir apoiando a bandeira da colega em prol da valorização do escritor paranaense. Em sua interpretação, era louvável a capacidade de a professora de Literatura idealizar o projeto das antologias, organizar autores e angariar verbas governamentais para a impressão dos livros didáticos: “[...] tudo isso achamos nobre, belo e especial. Mas aos nossos leitores devemos um esclarecimento: Elvira Meireles não escreveu uma linha sequer [...]. Autora não é! Coordenadora em prol do escritor, sim! Com todo nosso aplauso e nosso agradecimento” (Fernandes, 1971, p. 2). Nessa formulação, Hellê Vellozo Fernandes explicitou os limites impostos pelo campo literário à conversão dos capitais acumulados por Elvira Meireles no campo educacional, reconhecendo sua relevância como coordenadora da campanha, mas recusando-lhe a condição de autora e reafirmando critérios de legitimação intelectual próprios do campo literário local, centrados na produção escrita.

Não obstante os questionamentos no campo literário, Elvira Meireles obteve êxito no plano curricular e educacional. Mobilizando as relações institucionais construídas ao longo de sua trajetória, obteve da Secretaria de Educação, na gestão de Carlos Alberto Moro, a emissão de uma ordem de serviço que instituiu a obrigatoriedade do estudo de autores paranaenses nos cursos primário, ginásial, colegial e normal (Professora quer [...], 1971). Essa determinação promoveu uma reconfiguração curricular de amplo alcance, convertendo as antologias didáticas por ela idealizadas em vetores obrigatórios de circulação de saberes. Entende-se, dessa maneira, que, por meio do protagonismo de Elvira Meireles, o campo educacional, a partir de demandas próprias do espaço escolar, desempenhou papel ativo na legitimação, classificação e consolidação do cânone literário paranaense, operando muito além da mera transmissão passiva de conhecimentos. Ao mesmo tempo, a análise de sua trajetória evidenciou as fissuras de um ambiente intelectual androcêntrico, no qual as mulheres professoras converteram seus capitais decorrentes da atuação no magistério e suas redes de sociabilidade com o poder público em possibilidades de intervenção cultural. As limitações socialmente impostas, sobretudo no interior do campo literário curitibano, constituíram elementos importantes para a compreensão das tensões e disputas que marcaram o processo de institucionalização escolar da literatura paranaense.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar como a atuação de Elvira Meireles entre os campos educacional e literário contribuiu para a institucionalização escolar da literatura paranaense, evidenciando tensões e disputas em torno da autoridade intelectual na fronteira desses campos sociais. A análise das publicações sobre a professora no *Diário do Paraná* permitiu compreender que sua atuação extrapolou os limites da sala de aula. Sua inserção na Diretoria da Associação dos Professores do Paraná (APP) ampliou suas redes de sociabilidade e permitiu o contato com agentes do campo político do estado. A partir dessa posição, atuou como mediadora político-institucional em demandas relacionadas à valorização do magistério, à elaboração de estatutos e à defesa de reivindicações da categoria docente.

Os recursos simbólicos construídos nesse percurso foram posteriormente mobilizados para responder a uma necessidade identificada em sua prática como professora de Literatura: a escassez de materiais voltados ao ensino dos escritores paranaenses. Nesse contexto, Elvira Meireles idealizou e coordenou um projeto de divulgação da produção literária local, articulando escritoras e escritores, instituições públicas e fontes de financiamento para a produção de antologias destinadas ao ensino. Sua atuação assumiu, assim, um caráter de mediação cultural-pedagógica, voltada à ampliação da circulação e da presença da literatura paranaense no currículo escolar. Esse processo, no entanto, não ocorreu sem tensões.

As disputas em torno da autoria de uma das antologias evidenciaram conflitos acerca dos critérios legítimos de classificação, reconhecimento e autoridade intelectual. Quando consideradas suas ações no interior do campo educacional, a professora de Literatura era amplamente reconhecida por sua capacidade de preencher uma lacuna do ensino no Paraná. No entanto, encontrou limites para converter esse reconhecimento em legitimidade plena no interior do campo literário, especialmente diante de concepções que associavam a autoridade intelectual propriamente dita à autoria textual. Nas disputas que envolveram a institucionalização escolar da literatura paranaense, Elvira Meireles, atuando como intelectual mediadora, obteve uma importante conquista para o ensino ao contribuir para a inserção da literatura paranaense no currículo escolar. Contudo, os conflitos em torno da autoria e da coordenação das antologias parecem ter impactado sua projeção pública. Não por acaso, após a controvérsia envolvendo a *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, não foram localizadas novas referências à professora nas páginas do *Diário do Paraná*.

O caso de Elvira Meireles evidencia que a institucionalização escolar da literatura paranaense não resultou exclusivamente da atuação de escritores e instituições literárias, mas também da intervenção de agentes posicionados no campo educacional, cujas práticas de mediação foram decisivas para a circulação, a legitimação e a consolidação desse patrimônio cultural no espaço escolar. Ao mesmo tempo, sua trajetória reforça a importância de ampliar o escopo das pesquisas sobre intelectuais na História da Educação, incorporando sujeitos cujas formas de atuação nem sempre se expressaram pela produção autoral de bens simbólicos, mas pela mediação, articulação e difusão cultural. Nesse sentido, o estudo de Elvira Meireles contribui para o reconhecimento de professoras como agentes intelectuais e para o aprofundamento das investigações sobre mulheres que, situadas em diferentes posições ideológicas e projetos educacionais, participaram ativamente da construção da vida intelectual e cultural paranaense e brasileira.

Referências

APP FOI RECEBIDA por Moro. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.357, 2 out. 1966. Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%20a1sio+do+Tarum%22&id=2713808032147&pagfis=60037>. Acesso em: 13 jul. 2026.

ARAÚJO, K. V. de; ORLANDO, E. A. Helena Kolody: uma trajetória intelectual que se constrói pelos caminhos da poesia e da docência. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 41, p. 434-454, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26694/les.v0i41.8338>

ASSEMBLEIA permanente. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.563, 7 jun. 1967. Primeiro Caderno, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Elvira%20Meireles%22&id=2713808032147&pagfis=63139>. Acesso em: 13 jul. 2026.

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES do Paraná – Comunicado. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.412, 13 jun. 1965. Primeiro Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?Pesq=%22Gin%20a1sio+do+Tarum%22&bib=761672&pagfis=53973>. Acesso em: 13 jul. 2026.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-192.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

CAMPOS, N. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.20234.056>

DAL'IGNA, M. C.; SCHERER, R. P. Trabalho docente no Brasil: da feminização do magistério para a desfeminização da docência. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 25-47, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v8i1.11803>

ELEITA A NOVA Diretoria para a Associação dos Professores do Paraná. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 2.941, 22 nov. 1963. Primeiro Caderno, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&bib=761672&pagfis=47345>. Acesso em: 13 jul. 2026.

EM POUCAS LINHAS. Reunidas sob a coordenação [...]. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.568, 4 out. 1970. Primeiro Caderno, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=78837>. Acesso em: 13 jul. 2026.

ESTADUAL ENCERRA inscrição. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.714, 30 nov. 1967. Segundo Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=65336>. Acesso em: 13 jul. 2026.

FERNANDES, H. V. Elvira e o escritor. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.718, 5 dez. 1967a. Segundo Caderno, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=65404>. Acesso em: 13 jul. 2026.

FERNANDES, H. V. O facho para os jovens. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.719, 6 dez. 1967b. Segundo Caderno, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=65418>. Acesso em: 13 jul. 2026.

FERNANDES, H. V. Elvira e a Estante. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.268, 9 out. 1969. Segundo Caderno, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=74134>. Acesso em: 13 jul. 2026.

FERNANDES, H. V. Momento atual. Elvira e as antologias. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.673, 7 fev. 1971. Terceiro Caderno, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%C3%A1sio+do+Tarum%C3%A3%22&id=2713808032147&pagfis=80433>. Acesso em: 13 jul. 2026.

GOMES, A. M. de C.; HANSEN, O. S. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, A. M. de C.; HANSEN, O. S. (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-40.

GOMES, R. R. Há um só ou muitos nomes nas nossas letras? **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.557, 22 set. 1970a. Primeiro Caderno, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=78672>. Acesso em: 13 jul. 2026.

GOMES, R. R. Antologias – Acontecimento de nossa primavera. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.562, 27 set. 1970b. Primeiro Caderno, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=78740>. Acesso em: 13 jul. 2026.

GUEBERT, C. A. “Pensar pela pena que desliza, falar pela boca que se fecha”: Emília Dantas Ribas como a primeira romancista dos Campos Gerais (Paraná, 1949). **Revista Espacialidades**, Natal, v. 13, n. 1, p. 37-63, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-817X.2018v13n01ID17594>

LAHIRE, B. Campo. *In*: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MADEIROS, C. C. C. de. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64-66.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, M. del; BASSANEZI, C. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022. p. 443-481.

NA ASSEMBLEIA “O Estatuto do Magistério”. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.678, 17 out. 1967. Segundo Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=64745>. Acesso em: 13 jul. 2026.

NASCIMENTO, M. I. M.; SOUSA, N. L. A Escola Normal de Curitiba e o pioneirismo de Julioa Wanderley. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 42, p.265-278, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v11i42.8639879>

NICOLETE, J. N.; ALMEIDA, J. S. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). **Educar em Revista**, Curitiba, ed. esp., n. 2, p. 203-220, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50841>

ORLANDO, E. de A. Mulheres intelectuais: onde elas estão em nossa História? *In*: ORLANDO, E. de A.; MESQUIDA, P. (org.). **Intelectuais e Educação**: contribuições teóricas à História da Educação. Porto Alegre: Fi, 2021. p. 43-60.

PANIZZOLO, C. História intelectual e história da educação: questões teórico-metodológicas de pesquisa. **Quaestio**, Sorocaba, v. 18 n. 3, p. 741-760, nov. 2016.

PARA O CONGRESSO. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.576, 23 dez. 1965. Segundo Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Elvira%20Meireles%22&id=2713808032147&pagfis=56322>. Acesso em: 13 jul. 2026.

PARANÁ ATUANTE em Cuiabá. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.635, 13 ago. 1967. Segundo Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=63985>. Acesso em: 13 jul. 2026.

PARANÁ. **Lei Complementar nº 7, de 22 de dezembro de 1976**. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Ensino de 1º. e 2º. graus, de que trata a Lei Federal nº. 5.962, de 11 de agosto de 1971, e dá outras providências. Curitiba: Legislação, [1976]. Disponível em:

<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/exibirAto.do?action=iniciarProcesso&codAto=7682&codItemAto=67826>. Acesso em: 6 maio 2026.

PROFESSORA QUER divulgar mais nosso escritor. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.685, 21 fev. 1971. Primeiro Caderno, p. 7. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=80583>. Acesso em: 13 jul. 2026.

PROFESSORES FIZERAM homenagem a Pimentel. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 3.694, 22 maio 1966. Primeiro Caderno, p. 8. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=58227>. Acesso em: 13 jul. 2026.

PROFESSORES REALIZARÃO hoje festa natalina. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 2.966, 22 dez. 1963. Segundo Caderno, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?Pesq=%22Gin%0c3%A1sio+do+Tarum%0c3%A3%22&bib=761672&pagfis=47689>. Acesso em: 13 jul. 2026.

SANTOS FILHO, N. do. Festa da cultura. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 4.253, 21 set. 1969. Segundo Caderno, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&Pesq=%22Gin%0c3%a1sio+do+Tarum%0c3%a3%22&id=2713808032147&pagfis=73893>. Acesso em: 13 jul. 2026.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49- 82.

VIEIRA, A. F. B. **Uma intelectual nos campos e nos pinhais**: Hellê Vellozo Fernandes e as “escolinhas do mato” de Monte Alegre (1945-1964). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

VIEIRA, A. F. B.; BURIOLI, S. Mulheres no cenário educacional paranaense: sujeitos de fazeres e não de saberes. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 20, p. 1-21, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7867/1809-03542025e11932>

VIEIRA, A. F. B.; SKALINSKI JUNIOR, O. Tendência e lacunas de pesquisa sobre história/trajetória intelectual de mulheres na área de Educação. In: I SIMPÓSIO DO PPGE-UEPG, 1, 2024, Ponta Grossa. **Anais eletrônicos** [...]. Ponta Grossa: PPGE-UEPG, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/383787278_Tendencias_e_lacunas_de_pesquisa_sobre_historiatrajectoria_intelectual_de_mulheres_na_area_de_Educacao. Acesso em: 10 jan. 2026.

WASSERMAN, C. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, p. 63-79, jan./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.36449/rth.v19i1.12762>

Recebido em 01/05/2025

Versão corrigida recebida em 18/06/2026

Aceito em 20/06/2026

Publicado online em 16/07/2026